# Em tempos de crise, sindicatos ganham força mas perdem filiados

Parece um paradoxo, mas não é. Os sindicatos ganham novo espaço de intervenção em tempos de crise. Mas a pressão salarial e os despedimentos erodem a sua base de filiados

**ESPECIAL SINDICALISMO EM TEMPOS DE CRISE**

**RAQUEL MARTINS**
raquelmartins@negocios.pt

Com a crise económica a ameaçar cada vez mais postos de trabalho, os sindicatos têm encontrado terreno fértil para se afirmarem. Denunciam abusos, negoceiam soluções e dão apoio aos trabalhadores que os procuram. Estão mais activos do que nunca e sinal disso foi a manifestação organizada pela CGTP que, na semana passada, levou à rua milhares de pessoas. Mas será que a esta crescente intervenção dos sindicatos tem correspondido um reforço da sua representatividade?

Para o sociólogo Alan Stoleroff, a afirmação dos sindicatos em termos sociais e sua representatividade no mundo laboral são dinâmicas totalmente diferentes. "Pode haver muita capacidade de mobilização, mas ao mesmo tempo podem perder-se filiados", constata o especialista em sindicalismo no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE).

Além disso, historicamente, sempre que há crise os sindicatos perdem filiados. É assim na Europa e Portugal não foge à regra. Os trabalhadores deixam de pagar as quotas, as reestruturações das empresas atiram para o desemprego os mais velhos, os que entram são precários e não se sindicalizam e, finalmente, o encerramento de fábricas anula logo à partida centenas de inscrições. "Temos visto grandes empresas fecharem as portas ou efectuarem despedimentos e isso representa muitos milhares de trabalhadores que deixam de estar filiados nos sindicatos", constata Stoleroff.

Elísio Estanque, sociólogo no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, lembra ainda que a crise económica acaba por criar um clima pouco favorável à filiação, dificultando a captação de novos trabalhadores que colmatem as perdas. "Neste contexto, as pessoas têm medo de retaliações directas e indirectas das chefias e da empresa se ousarem filiarem-se no sindicato", realça, lembrando que a crise pode motivar outro tipo de associações como os movimentos independentes (ver entrevista ao lado).

Mas quando chega o momento de provar estas teses, não há números, uma vez que em Portugal não existem dados oficiais actualizados sobre a evolução do número de trabalhadores filiados nos sindicatos. Os números mais actuais são os fornecidos pelas centrais sindicais que fazem esse controlo interno entre os congressos, mas não permitem traçar qualquer ligação com a actual crise económica.

**"Na hora de se sindicalizarem, as pessoas retraem-se"**

Embora não seja possível quantificar o efeito da crise económica na representatividade dos sindicatos, uma coisa parece certa: com a crescente instabilidade dentro das empresas os trabalhadores estão a recorrer mais aos sindicatos. "As pessoas aproximam-se, pedem ajuda, mas quando chega a hora de se sindicalizar retraem-se e receiam retaliações", constata Vítor Duarte, dirigente do sindicato do sector automóvel ligado à UGT.

Os sindicatos ligados à CGTP fazem o mesmo diagnóstico, mas garantem que em determinados sectores tem havido um aumento das sindicalizações, sem quantificarem. Mas estes casos parecem ser mais frequentes quando as pessoas são vítimas de despedimento colectivo ou quando a empresa encerra e precisam de apoio jurídico. Os trabalhadores acabam por se sindicalizar, mas logo que caem no desemprego deixam de constar das listas.

## Serão os sindicatos independentes dos partidos políticos?

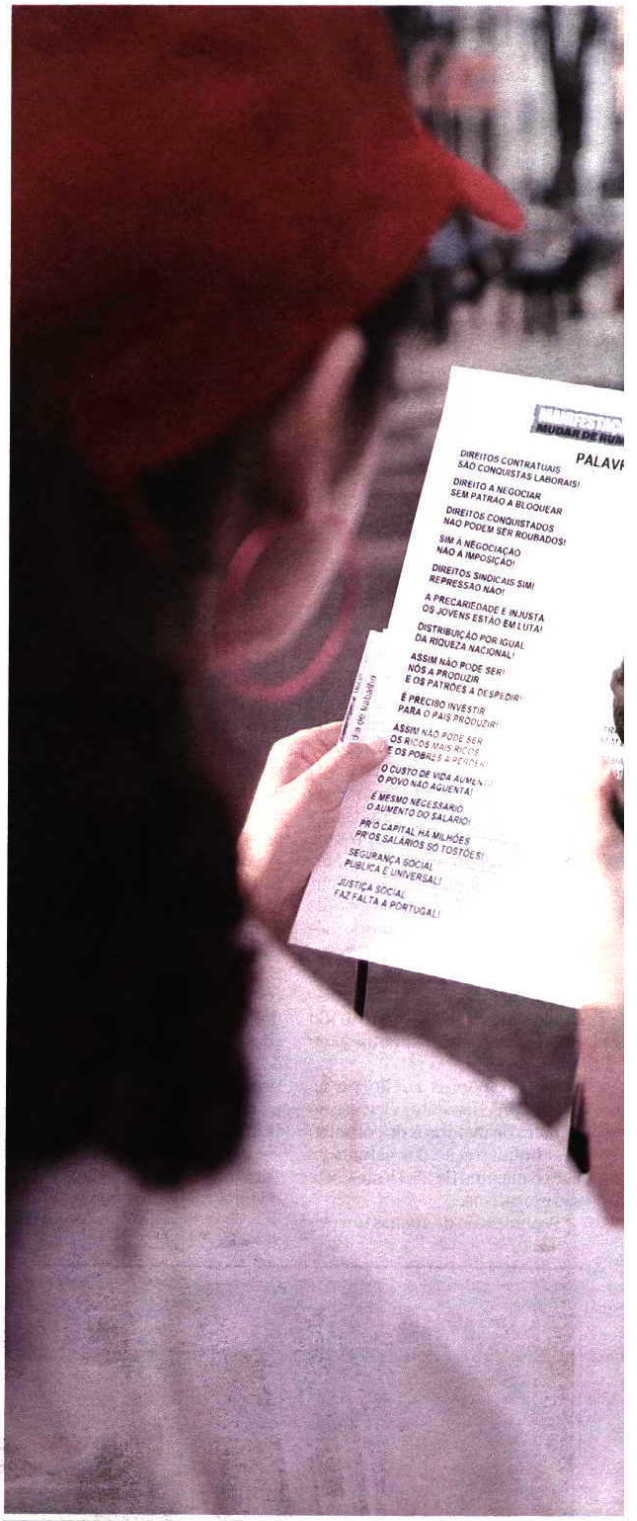
**A polémica sobre a ligação entre os sindicatos e os partidos políticos tem décadas. Uns acusam a CGTP de ser uma célula dos comunistas funcionando como uma força de oposição ao Governo, enquanto outros apontam as espingardas à UGT, acusando-a de viabilizar todos os acordos com o Governo. A questão ganhou novo fôlego com as declarações do primeiro-ministro na semana passada que, ao comentar a manifestação de 200 mil trabalhadores em Lisboa, acusou a CGTP de se deixar instrumentalizar pelo PCP e pelo Bloco de Esquerda e de basear os seus argumentos no insulto. Carvalho da Silva não gostou e acusou o Governo de ter uma "atitude provocatória" para com os trabalhadores, garantindo a independência da central. A UGT também se diz independente do PS.**

**727.000**

Entre 2004 e 2008, a CGTP admite que perdeu 32 mil associados, mas continua a ser a central mais representativa.

**520.000**

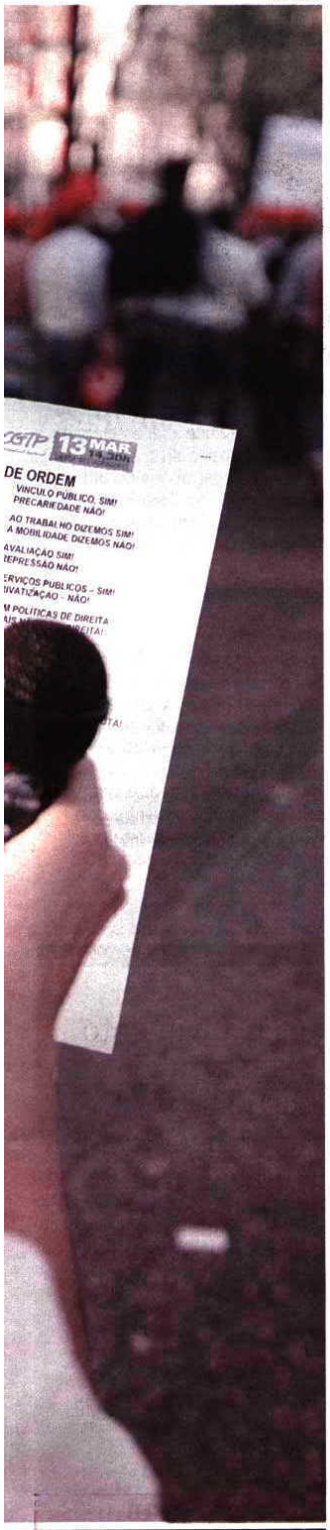
Em quatro anos, a UGT garante que ganhou 10 mil novos filiados, com destaque para a Função Pública e quadros superiores.




## Centrais sindicais com estratégias c

As duas centrais sindicais têm estratégias completamente diferentes. A CGTP aposta na contestação, tendo conseguido mobilizar milhares de pessoas para as manifestações nos últimos meses, enquanto a UGT tem privilegiado a assinatura de

Pedro Elias




**postas**

acordos com o Governo em matérias sensíveis como o Código do Trabalho ou a reforma da Função Pública.

# As principais dores de cabeça de Sócrates

É um dos homens que mais faz tremer o Governo. Nos últimos anos, Carvalho da Silva tem visto aumentar a sua influência política, a ponto de ter sido apontado como "o" líder da oposição. A capacidade de mobilização da CGTP levou dezenas de milhares de trabalhadores para as ruas, e, por muito que Sócrates os desvalorize, não deixará de ficar preocupado.

Mário Nogueira é um dos principais rostos da contestação ao sistema de avaliação dos professores. O líder da Fenprof conseguiu juntar 100 mil professores na "marcha da indignação" em Março de 2008, feito que repetiu em Novembro, obrigando o Governo a alterar a proposta. Mas o processo ainda não está fechado.

Esteve sempre em desacordo com o Governo na reforma da Função Pública. Convocou greves, manifestações e convenceu os partidos da oposição a pedir a fiscalização sucessiva da Lei dos vínculos e do Estatuto da Aposentação. Mas a sua persistência não teve os resultados desejados, já que o Governo não recuou na reforma.

Apesar de dado luz verde a alguns acordos com o Governo na reforma do Estado, por diversas vezes Bettencourt Picanço, presidente do Sindicato dos Quadros Técnicos, extremou o discurso. Recusou o sistema de avaliação dos funcionários públicos e juntou-se à greve da Frente Comum para contestar os aumentos salariais em 2007.

**ferve**

Foi um dos movimentos que mais se destacou na denúncia dos "falsos recibos verdes". Com uma organização dinâmica e informal, multiplicaram-se em concentrações, organizaram os prémios contra a precariedade – escrutínio que José Sócrates venceu sem surpresa – e obrigou o Governo a recuar nas multas pela não entrega de uma declaração fiscal.

**PERGUNTAS A ...**

**● ELÍSIO ESTANQUE**
SOCIÓLOGO, CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS DE COIMBRA

# "Renovação sindical depende da atitude dos políticos e empresários"

**Até que ponto a crise poderá levar os trabalhadores a aproximarem-se do movimento sindical e a inverter a crescente individualização das relações de trabalho?**

É preciso equacionar o grau de profundidade e a duração da crise. Acredito que este espectro de encerramento de empresas e o aumento do desemprego conduzirá a mais carências. Nesse cenário, e sabendo que há um clima pouco favorável à filiação sindical, os trabalhadores têm medo da retaliação das chefias e da empresa se ousarem filiarem-se no sindicato.

Mas o problema não é de agora, a questão da deslocalização de empresas há muito que se coloca assim com o agravamento da precariedade, que atingiu sectores vários da nossa actividade económica sem que os sindicatos conseguissem responder. Mas também é curioso referir que nos últimos anos começaram a surgir alguns indícios de que os sectores mais precários também poderiam tomar autonomamente a iniciativa [grupos como o FERVE, ver textos ao lado].

**Estes movimentos podem levar a uma renovação do sindicalismo?**

Se quisermos ser optimistas diria que isso pode acontecer nas duas vertentes: dentro destes movimentos e nos sindicatos. Um dos efeitos miméticos que alguns dos movimentos tiveram foi obrigar a que alguns dirigentes sindicais prestassem mais atenção a esse campo e que estejam a fazer um esforço para acompanhar e a dirigir o discurso aos precários para os chamar à participação.

Nenhuma das centrais sindicais é indiferente a fenómenos como o "Mayday" [ um movimento independente que tem como principal objectivo lutar contra a precariedade e que é transversal a toda a Europa ] ou aos movimentos dos professores que se organizam autonomamente com uma linguagem diferente. As instituições sentem quando o pulsar da sociedade parece ameaçar os cargos instituídos e isso pode levar à sua abertura a outras perspectivas.

> Sabendo que há um clima pouco favorável à filiação sindical, os trabalhadores têm medo da retaliação da empresa se ousarem filiar-se

**Mas haverá condições para o sindicalismo se renovar?**

Acredito que há condições objectivas para uma reaproximação e um reforço do campo sindical. Mas se isso vai acontecer ou não depende muito da capacidade dos próprios sindicatos mostrarem abertura e uma vontade efectiva para se readaptarem aos novos tempos. Esta possibilidade depende também da atitude do poder político e do sector empresarial perante os sindicatos. E talvez aí a crise contribua para uma guinada de paradigma do lado da estratégia de gestão, talvez alguns sectores percebam que é importante haver organizações de trabalhadores que possam negociar com eles incentivos para uma maior dedicação ao espírito da empresa.

JOÃO PROENÇA, SECRETÁRIO-GERAL DA UGT

# "Tendência socialista não se reúne com o Governo antes de tomar decisões"

## No arranque do XI congresso da UGT, João Proença garante a autonomia da central face ao Governo

Vítor Mota/Correio da Manhã

### Social-democratas escolhem novo presidente

Embora a liderança da UGT continue a ser assegurada pelo socialista João Proença, a central deverá contar com um novo presidente, que continuará a ser indicado pela tendência social-democrata da UGT. João Dias da Silva, um dos rostos da contestação da avaliação dos professores, vai abandonar o cargo para se dedicar a tempo inteiro à Federação Nacional da Educação. Na corrida estão Alfredo Correia, do Sindicato dos Bancários, e João de Deus, do Sindicato dos Engenheiros da Marinha Mercante. Ontem à noite, a tendência social-democrta estava reunida para decidir qual dos dois será apresentado ao congresso que hoje se inicia.

**RAQUEL MARTINS**
raquelmartins@negocios.pt

João Proença prepara-se para assumir mais um mandato de quatro anos à frente da UGT, tendo como pano de fundo uma das piores crises económicas dos últimos 30 anos. Apesar da conjuntura, o líder da central há 14 anos pretende reforçar a ligação entre os trabalhadores e os sindicatos e garante a independência da UGT face ao poder político.

**Ao aceitar continuar à frente da UGT por mais quatro anos, depois de ter dito que queria sair, está a assumir que há uma crise de liderança na central?**

A UGT tem dirigentes sindicais fortes e de qualidade reconhecida. Os meus companheiros insistiram para que me recandidatasse e eu entendi, devido também ao momento de crise que atravessamos, continuar.

**Quais são os grandes desafios que se impõem nos próximos quatro anos?**

Há objectivos de política reivindicativa clara: contribuir para um país que promova o combate às desigualdades e o trabalho digno. No imediato, o movimento sindical tem que responder ao desemprego e à insegurança que se vive dentro das empresas, e também tem que reforçar a sindicalização. Estes quatro anos vão ser muito virados para a sindicalização e para a resposta directa aos problemas.

**Essa resposta foi descurada?**

Falhou por vezes alguma ligação entre a UGT e alguns sindicatos. E, por outro lado, não é aceitável que existam tantos sindicatos a funcionar isoladamente.

**Houve também um falhanço nas respostas dadas a determinados grupos, nomeadamente aos trabalhadores precários, aos jovens e às mulheres?**

O movimento sindical teve capacidade para alargar os seus horizontes no apoio aos imigrantes ou no reforço dos direitos dos consumidores. Reconheço que há trabalhadores em situação de precariedade que o movimento sindical teve alguma dificuldade em abordar, mas as centrais sindicais têm tido um papel muito forte na luta contra a precariedade.

**Como se convence as pessoas a sindicalizarem-se neste contexto?**

Sindicalizar-se é uma opção de vida. É as pessoas acharem que têm o direito e a obrigação de terem sindicato que as defenda. Mas, num momento de crise, o 1% do salário pago faz falta a muito trabalhadores. Por outro lado, além da actividade tradicional, os sindicatos têm que explorar outros serviços. Não é por acaso que os sindicatos com uma prestação de serviços fortes, como o dos bancários, têm um nível de sindicalização elevado.

**Em tempo de crise, os trabalhadores precisam de sindicatos mais reivindicativos ou que apostem mais na negociação?**

O problema não é ser mais reivindicativo, mas conseguir dar respostas aos problemas com dos trabalhadores, nomeadamente a grande insegurança no emprego, a precariedade e as pressões a que estão submetidos no local de trabalho.

**Nesta situação, as pessoas aproximam-se ou afastam-se dos sindicatos?**

A realidade europeia é que, sempre que há crise, a sindicalização diminui, devido ao aumento do desemprego, das reformas antecipadas e das reestruturações. As grandes centrais europeias perderam muitos associados ligados às diversas crises. Em Portugal, como temos um movimento sindical relativamente jovem, com áreas de crescimento com a Administração Pública, em média, o número tende a estabilizar ou aumentar ligeiramente.

**Mas as pessoas não deviam aproximar-se porque estão mais desprotegidas?**

Os trabalhadores sindicalizarem-se é um passo complicado. Há uma crescente individualização da relação do trabalho e em épocas de crise há uma maior pressão dos patrões para os acordos individuais. Segundo, esta individualização resulta do facto do trabalhador entender que estar sindicalizado é uma desvantagem em relação aos colegas na manutenção do seu posto de trabalho e acha que está mais seguro se não estiver sindicalizado.

**Na semana passada, o primeiro-ministro atacou a CGTP, dizendo que está a ser instrumentalizada pelo PCP e pelo BE. Dá garantias de que a UGT não é também instrumentalizada pelo PS?**

O envolvimento político e partidário dos dirigentes sindicais é uma realidade em todo o mundo. O problema é a capacidade das organizações sindicais, nas decisões que tomam, actuarem independentemente dos partidos. Na UGT temos duas tendências maioritárias, a socialista e a social-democrata, e há sempre sindicalistas ligados ao Governo e à oposição. A questão é se a UGT é capaz de conduzir uma política autónoma do Governo e oposição: faz acordos sempre que entende e luta pelos melhores acordos possíveis. Nunca antes de tomar uma decisão a tendência PS se reuniu com os órgãos do partido, tal como a tendência do PSD nunca o fez.

> O envolvimento político e partidário dos dirigentes sindicais é uma realidade em todo o mundo.

> Não é razoável que existam tantos sindicatos a funcionar isoladamente, têm que se unir para melhor defenderem os trabalhadores.

**Entrevista com João Proença**
Sindicatos em tempos de crise

Economia
20 a 22